

A Palavra e o Fato

O PRESIDENTE Costa e Silva deu uma de Ruy. Discursando na solenidade comemorativa do 60º aniversário da ABI, terminou sua oração com um solene Credo em oito itens, todos começando assim: «Creio na imprensa livre porque...»

Na chave de ouro diz crer na imprensa livre «...porque não vacilo em minha fé na democracia, da qual nos dá ela o sinal mais característico de presença, funcionamento, superioridade e afirmação.»

Trata-se, assim, de uma profissão de fé democrática. Ora, acontece que ainda outro dia vimos na rua muitos moços de boa-fé e de um idealismo indiscutível que enfrentavam patas de cavalo e sabres para gritar — «Abaixo a Ditadura!» Referiam-se precisamente ao governo do presidente Costa e Silva.

Que os estudantes chamem esse governo de Ditadura, não me parece estranho. Para começar, o governo os ignora; e quando deles é obrigado a tomar conhecimento é para espancar, prender e, às vezes, matar. Os homens da imprensa livre (em que tanto cre o presidente, que entoa essa crença em oito versículos), que procuravam, cumprindo seu estrito dever, documentar o que acontecia na rua, foram também espancados e ameaçados de morte, e tiveram arrancados das mãos seus instrumentos de trabalho. Baixar o pau na imprensa foi obviamente uma palavra de ordem que funcionou na Polícia Militar; e, como autoridade alguma puniu nem reprovou isso, é absolutamente certo que nas próximas manifestações de ruas os repórteres serão outra vez espancados, mesmo que salbam de cor a bonita Oração de Fé da Imprensa Livre do presidente Costa e Silva. Se duvidar disso, que o presidente mande, na próxima saída de missa, um paisano de sua confiança se postar no adro da igreja de máquina fotográfica a tiracolo.

Assisti, outro dia, a uma discussão sobre esses conflitos de rua; um dos moços dizia que a vantagem principal de tudo o que aconteceu fora «desmascarar a Ditadura.» Com a estupidez de seus agentes, que espancavam moços, velhos e mulheres e sujeitavam os presos a insultos, coices e bofetadas em seus corredores, o governo mostrara sua verdadeira face.

Não tomei parte na discussão, mas perguntei a mim mesmo se há alguma utilidade em chamar esse governo de Ditadura, e desmascará-lo. Tive vontade de dizer: «Deixem-no com sua máscara; sem ela, será pior...»

Uma velha sentença diz que a hipocrisia é uma homenagem que o vício rende à virtude. Homenagem que não será grande coisa, mas sempre é homenagem. O fascismo nos ensinou que quando a Força deixa de invocar qualquer razão de Direito e se compraz em afirmar a própria violência, as coisas são ainda piores. Que o presidente fale bem da Democracia; à força de falar ele poderá acabar acreditando um pouco no que diz.

Isso não quer dizer que eu seja partidário, como certas pessoas habilidosas, de pôr a máscara nos homens de governo, elogiando as qualidades e opiniões que eles não têm para induzi-los a assumi-las. Já vivi sob uma Ditadura de verdade para achar graça em chamar isso que aí está de Ditadura; estou aqui escrevendo à vontade, o que jamais me aconteceu durante os estados de guerra e o Estado Novo do sr. Vargas. Hoje, há um Congresso, que não será grande coisa, mas é melhor, muito melhor do que nada. Os jornalistas de minha geração não gostam de exagerar certas coisas, porque já a viram em ponto grande, e não gostaram.

Eu preferia que, em vez de fazer um belo discurso na ABI, o presidente chamasse à sua presença os repórteres espancados na rua, ouvisse o seu relato e mandasse investigar de onde partira a ordem para essa atitude covarde, que é, em si mesma, além de crime, uma confissão de crime. Nenhum meganha nem sargento do Exército jamais se lembrou de espancar o homem do jornal que toma notas ou bate chapas durante uma festividade militar; o que se pretende destruir no jornalista é a testemunha e a prova do crime. Fala-se tanto em lei de imprensa e nunca ninguém pensou em uma lei que punisse especificamente esse covarde crime contra a imprensa, que é um crime para acobertar crimes. O habilidoso sr. ministro da Justiça não poderia baixar pelo menos uma portaria sobre o assunto? Ou quem sabe se no Credo do presidente caberia mais um período, que seria assim:

«Creio na imprensa livre porque ela continua a me dar banquete, mesmo quando meus soldados baixam o porrete e o chanfalho nos seus repórteres...»

DN - 12. 4. 68